



DIÁRIO DE NOTÍCIAS		COMÉRCIO DO PORTO	
PORTUGAL HOJE		DIÁRIO POPULAR	
CORREIO DA MANHÃ		DIÁRIO DE LISBOA	
DIA		CAPITAL	-6. FEV. 1980
DIÁRIO		TARDE	
A TRIBUNA			
PRIMEIRO DE JANEIRO			
JORNAL DE NOTÍCIAS			

LURDES PINTASILGO NA VOZ DO OPERÁRIO

«É PRECISO FAZER ACONTECER O POVO»

«É preciso fazer acontecer o povo não por decreto, mas que com eles se correm imensos riscos, mas fazendo-o diariamente participante da vida colectiva», afirmou, ontem à noite, na Voz do Operário, Maria de Lurdes Pintasilgo, no decurso de um debate público sobre «A tradução política da vivência cristã».

Lurdes Pintasilgo interveio pela primeira vez depois de deixar de exercer funções no Governo, período ao qual se referiu evocando a sua qualidade e pensamento de cristã. Reivindicando-se «da Igreja e não de capelas», a ex-Primeiro-Ministro defendeu que «nenhum cristão se salva sozinho, mas salva-se e vive-se como parte de um povo.»

«É preciso fazer acontecer um povo» disse, referindo-se depois à esperança que a habita, «um cravo vermelho que vai de mão em mão. Saúde o povo e os capitães de Abril».

Antes de terminar a sua intervenção recorrendo a um poema

de Miguel Torga, Lurdes Pintasilgo foi efusivamente aplaudida, e com ela, a assistência entoou «Grândola, Vila Morena».

Teresa Ambrósio, entre outros oradores, referiu-se à «prática corajosa» de Pintasilgo e também ao «desapego» com que exerceu o Poder. Recordando algumas das suas atitudes inéditas, que considerou «novas maneiras de ser e viver a liberdade, a justiça e a paz, a deputada socialista considerou o projecto de Pintasilgo «um projecto em marcha, irreversível e que está para além de quaisquer cem dias, em que muitos milhares estão empenhados».

Francelina Chambel, presidente

da Câmara Municipal de Seixal, sintetizou a acção governativa de Pintasilgo em três pontos: «Servir, dar resposta às questões e fugir à rotina».

«Renovadas as de Abril» esperanças

Sintetizando a sua intervenção, Rui Grácio diria que «a direita não lhe perdoou que fossem renovadas as esperanças de Abril», e sobretudo, «os bispos e muito clero miúdo, cúmplice do poder, foram afrontados pela primeira vez, depois do 25 de Abril, por ter sido dito que não há uma questão religiosa neste país, mas uma questão política e social».

Por último, Grácio recordou as encíclicas «Mater Et Magister» (João XXIII) e «Populorum Progressio» (Paulo VI) e lembrou que «o socialismo não é uma coisa

para ser oferecida, mas a ser feita pelo povo».

Falaram ainda Matos Ferreira e Frei Raimundo Oliveira, que, como cristãos, apresentaram o Evangelho como «um desafio no interior de uma prática libertadora», em que «os discípulos de Jesus têm de optar, de caras, pelos pobres e marginalizados».

Pinto Correia e Vitória Pinheiro tiveram oportunidade de entregar a Pintasilgo listas com cerca de catorze mil assinaturas apolantes, provenientes de todos os distritos do País, Açores, Madeira e emigrantes, recolhidas nas três últimas semanas.

A sessão, a que assistiram elementos do Conselho da Revolução, P. S., P. C. P., U. E. D. S., M. E. S., e organizações católicas, acabou com o público cantando o hino, do autor brasileiro Vandré, «Para não dizer que não falei de flores».